

PERFORMANCE DO 11 DE SETEMBRO: ensinar num mundo aterrorizado

Yvonna Lincoln

Universidade Texas A&M
USA

Resumo

Este é o roteiro de uma performance sobre o impacto dos atentados de 11 de setembro de 2001 na educação.

Abstract

This is the script of a performance on the impact of the attacks of September 11th, 2001 on education.

Texto reunido por Yvonna Lincoln, com Norman Denzin,
Mary Weems, Ivan Brady; Michelle Fine; Jack Bratich e
outras vozes

Vozes

Norman Denzin	Mary Weems
Michelle Fine	Jack Bratich
Ivan Brady	Yvonna Lincoln
Robin Hughes and	Rob Leffel
Um coro de audiência	Outras vozes

Local

Qualquer sala de aula ou local de conversação onde educadores, professores, alunos, estudantes ou professores universitários podem reunir-se – uma conferência, talvez. Não há um apresentador. Os leitores estão à volta da sala, próximos da audiência, uma parte da audiência, partilham o espaço com ela.

A história da performance etnográfica é breve, mas poderosa e conectiva (Mienczakowski, 1995; Becker, McCall, e Morris, 1989; Conquergood, 1985). As tradições orais unem as audiências através das barreiras educativas e das linhas sócio-económicas, porque tais tradições ultrapassam as classes sociais, a literacia, e frequentemente, obstáculos raciais e étnicos. Fora da educação, a performance, o teatro etnográfico, o etnodrama, a investigação-acção orientada e participativa em “actuações comunitárias”, e a “narrativa polifónica representada publicamente por actores [profissionais ou não-profissionais]” (Mienczakowski, 1995) estão todas a tornar-se mais comuns e muito mais aceites. Tal trabalho tem sido particularmente útil nos contextos médicos relacionados com o cancro (ver, por exemplo, Gray e Sinding, 2002), mas também na ajuda às comunidades para compreenderem o impacto da alimentação, da produção alimentar, e as quintas familiares nos bairros e nas comunidades (ver, por exemplo, McCall, 2001, ou Thorp, 2003), e sob a forma de psicodrama, uma ferramenta não só terapêutica como elucidativa, para uma variedade de contextos de tratamentos psicológicos.

Na direcção oposta a este cenário sociológico e antropológico pode-se perspectivar uma segunda questão: o ensino como uma performance. Enquanto que a literatura especializada acerca do ensino como uma forma de erudição (Boyer, 1990) tem vindo a crescer, tem, concomitantemente, vindo a crescer o entendimento que o próprio ensino é um tipo de “performance” – uma relação dramaturga interactiva entre os alunos e os professores nos quais os potenciais resultados positivos são virtualmente ilimitados: a aprendizagem dos alunos, a motivação para a aprendizagem, a descoberta, a aquisição de competências, a criação de auto-pertença à comunidade que, na sua mais alta expressão, é uma viagem não apenas intelectual, mas também moral, espiritual e auto-reveladora (Palmer, 1993). É claro que a maioria do ensino que se ministra não exhibe estas características, mas a nova ênfase no ensino secundário e universitário, que derivou de importantes críticas do ensino superior nos anos 90, conduziu a uma reavaliação do ensino e do seu papel nos vários aspectos do ensino superior de forma mais lata: o conceito de “valor acrescentado”, o marketing das instituições num ambiente mais competitivo e, mais decididamente, o questionamento dos próprios papéis das faculdades. Numa era em que a reconsideração é feita para premiar as estruturas com conhecimento e recompensar as faculdades pela excelência do ensino, o ensino enquanto uma performance interactiva entre os alunos e as faculdades está mais uma vez na vanguarda de sérios pensamentos intelectuais acerca dos objectivos da universidade a uma maior escala.

Yvonna Lincoln:

O 11 de Setembro entrou em cena sem linha, sem guião, sem personagens, mas com força e horror suficientes para modificar a peça para sempre. O 11 de Setembro mudou o modo como muitos dos que estão no professorado entendem o seu próprio ensino, o papel, forma e natureza do conteúdo, e o lugar dos valores na sala de aula. Como Denzin (2002) perguntou, “O que vamos dizer às crianças?”. De acordo com Svi Shapiro (2002), para os professores e docentes universitários os assuntos em cima da mesa são “os valores da vida

humana e o serviço público, o perigo de dirigir a raiva em direcção a grupos inteiros de indivíduos, a necessidade de examinar criticamente as condições globais que geraram o terrorismo, e efeitos destrutivos sociais e psicológicos da modernidade” (Shapiro, in *Chronicle of Higher Education Online*, 7/12/02). Desde a tragédia nacional do 11 de Setembro, a questão do que é o ensino, e do que irá ser ensinado, nunca pareceu ser tão premente. Quando representamos actos de ensino, como irão aqueles dramas diários ser influenciados pelos nossos pontos de vista dos significados do 11 de Setembro, enquanto cidadãos e como participantes globais nas vidas políticas daqueles que nos estão próximos e em terras distantes?

Mary Weems:

Yvonna pede-me para escrever acerca do meu ensino pós 11 de Setembro e revejo Gloria Ladson-Billing lembrando, na conferência do ano passado da AERA, que o terrorismo estava presente bem antes do 11 de Setembro de 2001, e que ela, eu e todos nós somos vítimas. Entendo June Jordan e estou certa que ela escreveu acerca disto antes de falecer. Rebobinando rapidamente do meu espaço de professora para o espaço do meu lar, com o vídeo-gravador nas mãos, o orgulho espelhado nos meus olhos que até este ano não tinha assistido à Academy Awards desde que Diana Ross não ganhou com *Lady Sings the Blues* – estou a novamente ouvir Berry, a minha irmã, a dar apoio a tantas mulheres africanas poderosas, incríveis que actuam em mais filmes do que aqueles que eu possa contar – chamo todos os que conheço para gritar que não julgo que Sidney Poitier pensou que iria viver para ver o dia em que recentemente dois africanos ganharam o que ele provavelmente nunca pensou que ganharia.

Norman Denzin:

18 de Setembro de 2001/ 1 de Dezembro de 2002, Champaign, Illinois : *Bandeiras à janela*: Após uma semana do 11 de Setembro de 2001, em resposta aos ataques terroristas, bandeiras, de todas as formas e feitios, começaram a aparecer às janelas das escolas, das casas, dos automóveis, das pick-ups, dos camiões, das bombas de gasolina, das lojas K-Mart e Wal-Mart, das mercearias IGA, das lojas de roupa, das livrarias, e outros estabelecimentos públicos. Em Champaign, Illinois, as bandeiras apareceram janela após janela da Central High School, a maior escola pública, por onde passo todos os dias de bicicleta a caminho do campus.

Nas semanas após o 11 de Setembro, a toda a volta via bandeiras de todo o tipo, tamanho e forma: canetas com bandeiras, tapetes para o rato com bandeiras, bandeiras nos adesivos, bandeiras desfraldadas nos mastros, bandeiras nas chávenas de café, bandeiras nas antenas de rádio, grandes, pequenas e médias. Bandeiras enormes que cobriam campos de futebol. As músicas acerca das bandeiras tornaram-se populares, músicas com versos como “Vermelho, branco e azul, estas cores não esbatessem.”

Na Primavera passada, uma mulher em Urbana, Illinois, elaborou um questionário e perguntou a lojistas porque tinham bandeiras nas janelas. “Estava apenas curiosa”, respondeu, quando lhe perguntaram por que tinha feito tal. Os donos das lojas reagiram com raiva e acusaram-na de desordeira. As pessoas chamaram a rádio local e escreveram cartas ao editor do jornal local. Disseram que ela estava a ser anti-patriótica.

Michelle Fine/ Robin Hughes:

Morte, fantasmas, órfãos, análises ao imperialismo dos Estados Unidos da América, as políticas do Médio Oriente, e os medos do que ainda está para vir sentam-se na mesma sala e precisam de estar no mesmo texto. Isto é, as lágrimas não podem vencer as análises, mas também as análises não podem esvaziar as emoções. De facto, o binário do sofrimento e da análise deve entrar em colapso. Mais ainda, porque desafiamos o que tem sido a política interna e externa dos E.U.A não nos liberta da responsabilidade de criticamente analisar este ataque. A tarefa intelectual, política e ética da ciência social interpretativa – de viver e trabalhar eticamente em projectos com significado – é juntar os géneros contraditórios da escrita e da confrontação, para procurar provas, e para perguntar *Porquê* e *E o que vem a seguir* através da corrente de lágrimas.

Audiência:

[e Lois ecoa-a]

Do fundo do nosso sofrimento devemos manter as nossas responsabilidades. Devemos falar francamente uma vez que nos representamos e aos outros no nosso trabalho. Não devemos ocultar e tentar explicar o que não tem explicação nem desculpa. Para um activista comprometido a agenda da pesquisa não pode tolerar nada que seja basicamente errado. E não podemos nem devemos ser tranquilizados pela ilusão da objectividade ou do deconstrutivismo, adormecendo à medida que criticamos categorias e nos recusamos a nomear alguma injustiça pelo medo de ser rotulados de *modernistas*, ou talvez pior, *comprometidos politicamente*. Aproximamo-nos, e essa aproximação toca fundo no nosso coração e na nossa alma que condizem com aquelas das pessoas com as quais trabalhamos. Precisamos de, continuamente, estar atentos à inscrição na literatura das ciências sociais de apologias de vingança e de ódio pelo *statu quo*. Mas ao fazê-lo, precisamos de nos lembrar que alguns comportamentos são claramente errados e devem ser rotulados como tal, à medida que trabalhamos para uma sociedade mais justa e equitativa. Não podemos fugir às nossas responsabilidades enquanto intelectuais escondendo o pretenso excesso de obediência ou um olhar introspectivo das ciências sociais, sejam elas quantitativas ou interpretativas (Weis, 2002, p.154).

Ivan Brandy:

New York City, 18 de Setembro, 2001

Querido avô,

Hoje assistimos ao desfile
Os homens usavam saias escocesas
Como os nossos uniformes da escola

Marcharam em pequenos passos
Passos Passos Passos
Todos em fila
Passos Passos Passos
A música não respirava
Ela apenas continuava a surgir

Notas altas e baixas
Altas e baixas outra vez
Bênção ma-ra-vi-lho-sa
Quão doce o som...
Passos Passos Passos
Muitas pessoas choravam
Os homens das gaitas de foles representavam como se estivessem a fazer
O que sempre fizeram quando as pessoas estavam tristes
Nunca os esquecerei
Imagino se alguma vez mais os irei ver outra vez
A tua
Marianne

Norman Denzin:

Este ano não tenho a certeza para quem são as bandeiras. Acho que apenas assinalam a nossa infundável guerra contra os terroristas.

Mas também não interessa para quem são as bandeiras. O efeito de todas estas bandeiras desfraldadas em todas estas janelas, em todas estas janelas de automóveis e pick-ups, em todas aquelas lojas e fachadas, quer dizer que os americanos são patriotas, que Deus está do nosso lado. À medida que entramos no segundo ano da guerra de Bush, levantar a questão acerca das bandeiras, qualquer que seja, é arriscar ser apelidado de não-patriota. Mas então como celebramos o patriotismo nesta nova guerra, quando ela está a levar as liberdades e os ideais que a bandeira representa?

Orem, Utah, 1 de Dezembro de 2002: O New York Times relata um debate acerca da guerra com o Iraque. No primeiro período a turma de estudos sociais da Lakeridge Hirsch School em Orem, Utah, os alunos de turma de estudos mundiais de Donell Willey debateram a guerra, tomando partido, a favor e contra Bush: “O Presidente faz isto para ter lucros políticos”; “A administração tem o direito de agir rapidamente”; “A Constituição diz que nós o povo, não nós o governo. Não podemos deixar que o Presidente decida as coisas à sua maneira”; “Matar Saddam Hussein não vai trazer uma solução”; “Existem terroristas de profissão. A única forma de os fazer parar é matá-los” (Clemetson, 2002, p.20).

Audiência/ Coro:

E antes de pensarmos o que significa o 11 de Setembro, temos uma guerra no Iraque. Como vamos lidar com o significado disto nas nossas salas de aula? E nas nossas vidas?

Jack Bratich/ Bob Leffel:

Nos primeiros tempos, à “America’s New War” foi dado o nome oficial de “Operation Infinite Justice”. Por um lado, este nome era uma injustiça, o que forçou os oficiais a mudarem o nome da operação. Por outro lado, é esta mesma injustiça conceptual que nos dá um sentido de como pensarmos esta nova guerra. Porque esta não é meramente a próxima guerra da América, não é uma outra guerra numa série de guerras. Desde o seu início, que os peritos militares nos alertavam para uma nova forma de guerra que iria ocorrer.

De facto, o local e o período estão precisamente em debate nesta nova forma. O 11 de Setembro de 2001, parece apenas nomear um acontecimento temporal (tanto na história como um acontecimento que entra em ruptura com ela), mas ele é também um acontecimento profundamente espacial. Podemos abordar esta questão através da problemática espacial de governo e combater a imanência, especialmente na constituição de uma “terra natal” Americana.

No espaço doméstico Americano, a nova forma de guerra requer uma nova forma de retaguarda... De acordo com o professor de estudos de informação, Philip Agre, o que está acontecer é uma institucionalização e normalização de conflitos no quotidiano. A retaguarda nos Estados Unidos é tanto um teatro de guerra quanto as terras estrangeiras onde as forças especiais e os mísseis cruzados causam devastação (apesar do preço fatal vir a ser desigual). “Inconveniências temporárias” em locais isolados (aeroportos, edifícios governamentais, monumentos nacionais) em nome da segurança podem muito bem tornar-se hábitos mundanos no futuro indefinido. A segurança da terra natal envolve, essencialmente, uma baixa densidade indefinida de guerra interrompida por momentos de alerta máximo – um “estado constante” de alerta. É deste modo que, “a justiça infinita” é traduzida em “guerra permanente”, onde um inimigo não especificado poderá sempre potencialmente surgir, dando um tempo indefinido a um estado de permanente excepção (Bratlich, 2002, p.).

Audiência/ Coro:

O que é que este estado de guerra permanente com um inimigo ambíguo significa para nós?

Robin Hugues:

Quando os Estados Unidos iniciaram a campanha de bombardeamentos contra o Afeganistão, grupos de estudantes realizaram protestos a favor da paz como comícios apoiando os militares. Em suma, começamos a fazer o que se espera que as instituições de ensino superior façam. Começamos a ensinar e a aprender uns com os outros.

Mas ensinar e aprender em plena crise nacional é diferente de ensinar e aprender em tempos normais. Se o passado servir de guia, os estudantes e o público terão menos tolerância para com as opiniões controversas e até desconcertantes que os docentes universitários e os estudantes possam oferecer (Boyle, 2002 -2002, pp. 9-10).

Norman Denzin:

A vida após o 11 de Setembro tornou-se mais complexa, uma vez que passámos de uma guerra para outra. O 11 de Setembro tornou-se complicado, embrulhado na bandeira, transformado em mercadoria, embalado, vendido, usado na lapela, acenando no quintal. O 11 de Setembro está em todo o lado. O legado de Bush, o patriotismo ilimitado, uma guerra infundável, todos os dias algo novo para nos distrair, os males neste mundo louco parecem incomensuráveis. Laurel Richardson (2002, p.25) pergunta “Como é que podemos explicar esta guerra às crianças se não a conseguimos explicar a nós próprios?”

Mary Weems:

Eu não sou a mamã, mas imagino o que ela está a pensar:

“Guardiã do lar”

Quando a mamã deixou o cenário de *E tudo o vento levou*
Fez as malas com todos os seus pertences:
Um avental branco, e um grande pote de ferro, iniciando
Uma grande viagem.

O peito apertado com o adeus que ela que acabou
De representar no filme, soletrou a palavra “vento”
Enquanto entrava num mundo que já não era mais a
América, mas que poderia ter sido qualquer lugar.

Confusa, entre a espada e a

Parede, tentado evitar o guião,
Esqueceu o seu nome e tudo com ela relacionado
Excepto que era preta
E parou no meio
Da rua, apanhou uma vassoura
E começou a chorar.

...Como estou a beber algo muito suave – como leite – No meio de revelar o carácter de Hale Berry, no *Monster's Ball* (Depois do ódio), o filme conta-nos, que o *Monster's Ball* é a última ceia que os condenados à morte têm antes de serem executados. Depois, vejo que o homem que irá ser executado é o marido de Hale Berry, que ela bate no seu filho de 12 anos que sofre de bulimia, que está a dizer ao seu marido que está farta de vir ao corredor da morte para o ver. Vejo que a personagem Billy Bob Thornton que odeia pretos e que apontou uma arma a duas crianças africanas que vieram à sua propriedade pedir trabalho, executa o marido de Halle na cadeira eléctrica. Ouço Billy Bob dizer ao único filho que sempre o odiou mesmo antes dele se ter suicidado no peito na sala de estar de Billy Bob – parei o filme e conversei com a minha filha que estava a vê-lo e ficamos apavoradas e chocadas nas mesmas partes. Vejo Halle Berry que é por coincidência analfabeta, pobre e em breve desalojada, suplicando a Billy Bob para a fazer sentir bem, para tomar conta dela – vejo-os a ter muito mais do que uma relação sexual – pior, vejo-o transformar-se em amante de uma africana logo no dia a seguir como que se o corpo de Halle Berry fosse um amuleto...

Norman Denzin:

15 de Julho de 2002: “Missão “Creep”. A guerra contra o terrorismo desloca-se para a Colômbia” (Washington Spectator, 2002, p.1)

Audiência:

É bom repensar estas coisas. É necessário. Mas temos uma guerra que está a decorrer, a cores e ao vivo, 24 horas por dia. Wolf blitzer é o anfitrião. Verificamos as notícias das 6 da manhã, e novamente às 10, para descobrir em que parte estamos, qual é o resultado. Como havemos de falar com os nossos alunos? O que é que lhes dizemos acerca de questões sérias – da geopolítica, do ódio, da justiça social, da discórdia, do silêncio, da esperança?

Peter Freundlich/Yvonna Lincoln:

Podemos originar contradições, e uma ironia amarga difícil de suportar, como faz Freundlich:

Tudo bem, deixem-me ver se entendi correctamente a lógica disto. Vamos ignorar as Nações Unidas de forma a demonstrar a Saddam Hussein que as Nações Unidas não podem ser ignoradas. Vamos iniciar uma guerra para preservar a capacidade das Nações Unidas para a evitarem. O princípio mais importante é que a palavra das Nações Unidas deve ser seriamente tida em conta, e se tivermos que subverter a sua palavra para garantir que assim seja, então fá-lo-emos. A paz é demasiado importante para não irmos para a guerra para nos defendermos. Será que estou a entender? Mais, se a única maneira de trazer a democracia para o Iraque é enfraquecer a democracia do Conselho de Segurança, então somos obrigados pela nossa honra a fazê-lo, porque a democracia, como a definimos, é demasiado importante para ser parada por uma pequena coisa como a democracia que eles definem. Além disso, ao lidarmos com um homem que não tolera a divergência em casa, não podemos permitir a divergência entre nós. Devemos falar a uma só voz contra o falhanço de Saddam Hussein em permitir vozes oponentes de serem ouvidas. Estamos a enviar a nossa força conjunta para o Golfo Pérsico para provar que a força não faz sentido, tal como Saddam Hussein parece pensar que faz. E estamos a deformar as armas da oposição até que ela concorde em deixar-nos depor um regime que deforma as armas da oposição. Não podemos deixar no governo um ditador que ignora o seu próprio povo. E se o nosso povo, e outros povos, não compreenderem isso, então não temos escolha senão ignorá-los. Ouçam. Não interpretem incorrectamente. Penso que é uma boa coisa os membros da administração de Bush parecerem ter andado a ler Lewis Carroll. Apenas desejava que alguém tivesse demonstrado que “Alice in Wonderland” e “Through the looking glass” são meditações acerca do paradoxo e do espanto e da falta de lógica e acerca do estranhamento das coisas, e não modelos para a política estrangeira. É divertido para o Mad Hatter dizer algo como, “Devemos declarar-lhe guerra porque ele é uma ameaça à paz,” mas não é divertido para alguém que de facto comanda o exército dizê-lo. Como compilador de argumentos cómicos, estaria a divertir-me se não fosse o facto que eu sei – e todos nós sabemos – que se vão perder vidas em grandes quantidades para um monstruoso, circular desastre pensado. (Freundlich, 2003, National Rádio Broadcast, n.d.)

Rob Leffel:

Mas a contradição e a amarga ironia não são suficientes...

Audiência:

Certo! Como havemos de moldar as suas capacidades críticas em torno destas questões? Como havemos de os fazer pensar?

Mary Gergen/ Norman Denzin:

É desta forma que trabalho:

Dou a pequenos grupos de alunos vários clips novos e extractos que retirei de e-mails para ler e discutir. Em cada grupo tenho editoriais de jornais americanos, e tenho material de outras partes do mundo, uns que enfatizam o sério ataque à nossa identidade bem como às vidas e outros que enfatizam as razões pelas quais isto poderá ter ocorrido. Um em particular é de uma mulher palestina que condena os bombardeamentos, mas que expressa os seus sentimentos acerca dos tormentos de viver sob o domínio Israelita. Peço aos alunos para terem em conta como cada escritor faz assunções acerca da natureza da agressão, do patriotismo, do terrorismo, e o que motiva as pessoas nas suas acções. Espero que compreendam que existem outros pontos de vista para além da CNN. É uma tentativa de trazer uma perspectiva interpretativa para a sala onde parece que existe pouco espaço para diferenças na conversação. Mas também não quero negar qualquer que seja a realidade que eles abracem. M. Gergen, 2002, p.151)

Michelle Fine/ Robin Hugues:

Desde o 11 de Setembro, que a tendência predominante dos media tem coberto – apesar de parcialmente – quem, o quê, como, onde e quando (pelo menos quando “eles” atacaram, menos quando “nós” fizemos). A cobertura, contudo, raramente entra no perigoso território do *porquê*. Porquê nós, porquê agora, porquê aqueles edifícios, porquê o ódio pelo povo? Porquê o terrorismo, porquê a destruição em massa, porquê esta forma de ataque internacional?

A investigação descritiva, receio, não serve mais. Na nossa investigação somos agora obrigados a interrogar o *Porquê*, assegurando que a análise da história e da justiça estão unidas; as discussões do que “é” estão sob o jugo de “o que foi” e de “o que deve ser”. O porquê levanta questões difíceis, histórias da origem negociadas, histórias controversas. Dada a diminuição da quantidade de pessoas que é permitido falar, os guiões para os intelectuais públicos devem crescer correspondentemente sem receio. (Fine, 2002, pp.139-140)

Norman Denzin:

Verão de 2002: **Danos Colaterais: Oruzgan, Afeganistão**; *New York Times*, Sábado, 6 de Julho, 1.^a página. Uma fotografia de uma sepultura, pedras amontoadas na terra castanha. Um jovem chamado Abdul Malik está a olhar para as recentes campas da sua família. Abdul perdeu 25 membros da sua família, incluindo a mãe e o pai, num ataque aéreo americano, a 1 de Julho. Estavam a celebrar um casamento. Começou bastante inocentemente, as crianças na aldeia lançavam bombas de Carnaval e os homens disparavam para o ar de acordo com as tradições locais. De repente, os bombardeiros americanos apareceram de lado nenhum. Foram lançadas bombas em 4 aldeias. 48 Civis foram mortos, 117 ficaram feridos. O Quartel-General Militar dos Estados Unidos apelidou a perda de danos colaterais, afirmando que era parte do preço ao combater ao terrorismo e ao libertar o Afeganistão dos Taliban e da Al Qaeda. As autoridades militares americanas

declararam que um AC-130 americano tinha disparado sobre uma posição antiaérea (Bumiller, 2002, p. A1).

Audiência/Coro:

Como manter um diálogo acerca destas coisas?

Michelle Fine/ Ivan Brady:

A ciência social crítica interpretativa necessita de métodos e teorias que nos permitam, que nos convidem, que nos forcem a rastejar sob os discursos laminados que recusam a complexidade e que nos permitam, ao invés, revelar a cacofonia e a discórdia (Carney, 2001). Talvez possamos manifestar a nossa mais ousada e radical presença democrática através da recusa da imobilização da conversação e da imaginação, revelando as fracturas na arquitectura ideológica do estado e dos media que rapidamente cimentam, espreitando as contradições dentro da consciência nacional, complicando as opiniões acerca da violência enquanto que tentam manter responsáveis aqueles que aterrorizaram, e recontando histórias que desafiam as narrativas hegemónicas da “paz” da guerra (ver Kitzinger, 2001; Scott, 1992; Wilkinson, 2000). Reconhecendo que ninguém é “incorrutível”, para encontrar matéria debaixo das ideologias, temos que procurar a complexidade, as provas, aqueles que resistem sós e olham, talvez mais explicitamente, para as mensagens veiculadas não só pelas palavras, mas também nos corpos (Fine, 2002, p. 141).

Robin Hughes:

Com Kevin Boyle disse:

Isto significa que temos que ouvir – ouvir de verdade – os nossos alunos, incluindo aquelas com os quais discordamos. Os argumentos podem resultar, mas os argumentos são a fonte da vida do processo de aprendizagem. Não nos devemos esconder deles. Nem deve a faculdade voltar a face aos administradores cautelosos e aos alunos coléricos.

Aqueles de nós com sorte suficiente para ter um cargo vitalício necessitam de defender os direitos dos educadores e dos estudantes para exprimir os seus pensamentos, mesmo quando os nossos colegas defenderem opiniões que não partilhamos. E temos de apoiar aquelas instituições, tais como os sindicatos das faculdades, que estão dispostos a defender a liberdade de expressão no campus. (2001-2002, p.13)

Audiência/ Coro:

Penso que a liberdade de expressão é o que queremos preservar. E uma das coisas que queremos debater. Mas muitas vezes sentimos o silêncio. E a pró-guerra, os comícios “pró-

América”, com o seus cartazes “América: amem-na ou abandonem-na”, intimidam alguns dos meus mais ansiosos e atentos alunos, e deixam-me desconfortável para falar.

Rob Leffel:

Os professores não são os únicos membros das comunidades do campus que podem sentir a necessidade de se silenciarem. Os educadores relatam um intenso interesse dos alunos em discutir as raízes e as consequências da crise. Mas existe uma questão muito séria: Será que os alunos se sentem à vontade para fazer comentários que podem parecer pouco patrióticos?

A pressão é ainda maior para os estudantes muçulmanos. Um colega que ensina numa universidade com uma grande população muçulmana observou, nas semanas após o ataque, que as mulheres vestidas com a burca evitavam olhar para os alunos e o pessoal não-muçulmano, tão intensa era a intimidação que sentiam (Boyle, 2001-2, p.13).

Ivan Brady:

Uma mulher palestina, Suheir Hammad, educada em Nova York, escreveu uma semana após o 11 de Setembro:

Eu não entendo quão má uma vida tem que se tornar de modo a matar.
Eu nunca tive tanta fome do desejo de ter fome.
Nunca estive tão furiosa que quero dominar uma arma em vez de uma caneta.
Nem por isso. Mesmo enquanto mulher, enquanto palestina, enquanto um ser humano despedaçado.
Nunca estive assim destruída.
E se nem mesmo enquanto mulher, enquanto palestina, e o resto de nós? O que é que sabemos? (Williams, 2003, p.268)

Rob Leffel:

O silêncio não serve a ninguém. Apesar da pressão para a conformidade ser considerável nos nossos dias, os professores devem resistir à tendência de se autocensurarem. Temos a responsabilidade de analisar a crise, de explorar as causas, de explorar uma grande variedade de políticas alternativas, e de considerar o resultado provável da nossa guerra contra o terrorismo.

Os nossos alunos merecem ouvir um vasto leque de opiniões, mesmo que algumas dessas opiniões os preocupem. Precisamos também de encorajar uma atmosfera na sala de aula que dê aos alunos a liberdade de se exprimirem. (Boyle, 2001-2, p.13)

Michelle Fine/ Norman Denzin:

Tal como nas ruas, o ar na universidade está se tornar pesado. Levantar questões acerca dos horrores do terrorismo e do imperialismo americano quase que simultaneamente transforma a traição do patriotismo, numa indiferença por aqueles que sacrificaram a vida. Muitos trabalham para separar a dor da crítica, como se não pudéssemos estar de luto na medida em que criticamente consideramos o que os Estados Unidos podiam ter feito para contribuir para o ódio do povo que nos rodeia.

O que se considera como discórdia foi crescendo para além do entendimento. A censura gera calma e confiança. A prisão japonesa, McCarthy, e os fantasmas do Vietname. Na hora certa um e-mail do Congresso Radical Negro – brilhante e poderoso – foi passado com inúmeros outros. Este provocou um protesto. Um discurso no City College de Nova York, seguido de uma indecente cobertura jornalística, seguida da pressão para nos mobilizarmos em torno da América. O ar está se a tornar mais pesado. O policiamento intelectual constrange as narrativas e a conversação. Talvez isto seja o resultado intencional para as possibilidades democráticas radicais da ciência social. Para nos assegurarmos que existe ar discursivo para respirar, para re-imaginar, para criticar e para construir outras histórias do que poderia ser. (Fine, 2002, p.137-8)

Robin Hugues:

Na perspectiva de muitos cidadãos que são a favor da invasão do Iraque, a oposição é sintomática de anti-americanismo, e a discórdia aberta durante o tempo de guerra aproxima-se à traição. Em alguns comícios, os manifestantes levavam cartazes dizendo, “América – amem-na ou abandonem-na.”

É difícil compreender porque é se espera que as pessoas deixem um país livre, porque elas têm a ousadia de exercer a sua liberdade. Talvez aqueles que devessem deixar o país sejam os seus críticos, que estariam mais confortáveis num país cujo governo não tolera a crítica – digamos que o Iraque. Ou talvez eles pensem que nós não conseguimos devolver a liberdade ao povo Iraquiano a menos que primeiro a confisquemos ao povo americano. (Chapman, 30 de Março de 2003, p.A10)

Michelle Fine/ Ivan Brady:

Devemos procurar as palavras do medo e voltá-las a dizer para que interrompam o guião dominante.

Audiência/ Coro:

Então o silêncio e a discórdia são interactivos? Eles influenciam-se de forma crítica?

Norman Denzin:

A censura directa parece altamente improvável. Na corrente atmosfera de medo e raiva, contudo, a auto-censura é uma possibilidade real. Ao mesmo tempo, é tudo demasiadamente fácil para a faculdade e os estudantes, educados na grande sombra dos anos 60, tomarem parte no protesto simplesmente pelo protesto. Os manifestantes do campus não deviam subestimar o impacto que suas acções podem ter. O público tem o direito de se sentir ofendido pelas palavras e acções com a intenção de ofender. Então, mesmo que recuperemos as nossas vozes, achamo-nos a falar e a ensinar num mundo mais inseguro do que aquele que foi destruído a 11 de Setembro. (Boyle, 2001-2, p.10)

Mary Weems:

Mas como Jay Parini (2003, p.B20) torna claro, não podemos permitir que nem como poetas nem como pessoas sejamos silenciados, ou que calemos. Ouçam Andrienne Rich concordar com o seguinte:

Tenta sentar-te a uma máquina de escrever
Numa calma tarde de verão
Numa mesa perto da janela
No campo, tenta fingir
Que o teu tempo não existe
Que tu és simplesmente tu
Que a imaginação simplesmente vagueia
Como uma grande traça, sem intenção
Tenta dizer a ti própria
Que não és responsável
Pela vida da tua família
A respiração do teu planeta.
(Citado in Parini, 14 de Março de 2003, p.B20)

Norman Denzin:

6 de Julho. Kennebunkport: Bush pede desculpas: Hoje, o Presidente Bush chamou o Presidente Hamid Karzal do Afeganistão para expressar as suas condolências, mas não para pedir desculpa pelo bombardeamento surpresa americano. Mais tarde no mesmo dia, o Presidente celebrou o seu 56.º aniversário numa festa com a família no condomínio de quinta Walker's point. Foi andar de barco e pescar acompanhado de seu pai.

10 de Julho de 2002: As autoridades militares admitiram que o ataque a aldeias não foi um acidente, afirmando que tinham fortes indicações que altos membros da Al Qaeda estavam na região. Tais foram as violentas bombas e o novo sistema de comunicações por satélite.

Ivan Brady:

As imagens não me largam...

I
Escolhemos um disco
e pedimos vitamina K,
Cipro, máscaras iguais.

No meio dos pontos
fitamo-nos
com profunda saudade
batendo os nosso dedos
enquanto que a linha vai acabando.

Pedimos emprestado um revólver e embrulhamo-lo
numa camurça e fechamos
as balas num armário à parte –
onde pendurar a chave?

Guardamos a Primavera polaca
debaixo da cama
e sentimos que o corpo
anula a entrega
quando fazemos amor.

II
Aconchegados perante as notícias
tocamos o ecrã –
as nossas bombas chovem em Kandahar –
não as sentimos:
apenas um som desafinado, o pulsar,
uma película de poeira, uma cor vermelha
brilhando através das nossas unhas.

III
Víamo-la
e não conseguíamos deixar de a ver:
como se o avião entrasse pelos olhos
e fosse a mente
que começasse a incendiar
com tamanha chama teimosa.

Vimos os corpos saltar

e não iriam quebrar a sua queda –
agora esperam tão graciosamente
suspensos no ar, de mãos dadas.

(D. Nurkse, *October Marriage*, 2002, pp.87-8)

Norman Denzin:

Silêncio! “A Fox News recebeu Bill O’Reilly disse algumas semanas atrás, “É nosso dever como americanos leais calarmo-nos assim que a guerra começar, a não ser que os factos provem que a operação estava errada, como foi o caso do Vietname.”

“Calamo-nos assim que a guerra começar? O Bill primeiro. As pessoas que se opuseram à guerra não têm a obrigação de ficarem caladas uma vez que a guerra decorre.” (Chapman, *op. cit.*, p.A10)

Audiência/ Coro:

É verdade. Nós ensinamos. Conversem connosco acerca de como ultrapassar o silêncio. Acerca de como romper com o nosso próprio silêncio. Acerca de como usurpar o silêncio imposto em nós. Acerca de como ajudar os nossos alunos a falar através do silêncio. Como criar as suas próprias vozes.

Robin Hughes:

...Não é suficiente encorajar a discussão e o debate acerca das raízes e consequências do ataque terrorista. Precisamos, também, de gastar mais tempo a discutir com os nossos alunos a importância da discórdia na preservação da democracia. (Boyle, 2001-2, p.13)

Michelle Fine/ Rob Leffel:

Na ciência social crítica interpretativa, usando números ou palavras, necessitamos de procurar e trazer para a cena aqueles *que falam a sós por muitos*. Nas estatísticas, estes “casos” são chamados de “variáveis”, e nas análises qualitativas, existem casos que estão à parte dos outros. Isto significa que não podemos apenas reportar apenas aqueles se deixam levar pela maioria dos casos; não podemos apenas documentar aqueles temas que emergem mais frequentemente.

É importante compreender que as maiorias e o “consenso” não representam bem a abrangência da consciência popular. Apresentando a ciência social do consenso, não apenas distorcemos a variação no “senso-comum”, mas também podemos consolidar aquele gélido, sólido grupo que acredita que fala por todos. Como ao procurar o caso que se atreve a permanecer sozinho, um outro lugar para chegar por debaixo das ideologias, para encontrar “histórias de oposição” (Harris e Fine, 2001), pode ser o todo.

Mary Weems:

Jogar a cartada do patriotismo ou a do veterano é uma tentativa vergonhosa para desacreditar e intimidar os opositores, e é mais fácil do que provar que eles estão errados.

A verdadeira divisão está entre aqueles que vêem o debate aberto na democracia como uma fraqueza e aqueles que o vêem como uma força.

Os manifestantes da anti-guerra podem estar errados acerca de variadas coisas, mas estão certos acerca disso. (Chapman, 2003, p.A10)

Ivan Brady:

Estas tão pensadas e sensíveis posições são precisamente o que os americanos precisam nestes momentos difíceis. A nossa nação não se tornará mais forte ou mais segura através de uma unidade imposta, nem irá ser posta no bom caminho pelo protesto ingênuo. Será aumentada a sua força, contudo, pela livre troca de ideias.

Necessitamos de falar acerca das relações dos Estados Unidos com o mundo muçulmano, acerca das escolhas militares e diplomáticas que a nossa nação enfrenta, acerca da complexidade moral da retaliação, acerca das sobrecargas psicológicas do medo, acerca das grandes tradições americanas das liberdades civis. As faculdades e as universidades sabem como estimular estas discussões; é o que melhor fazemos.

Como professores e membros de equipa, não podemos ter medo de quebrar o silêncio que os brutais acontecimentos do 11 de Setembro nos impuseram. De facto, somos obrigados a fazê-lo, pelo nosso compromisso com a educação, pelo o nosso compromisso com os princípios democráticos, pela memória dos nossos mortos. (Boyle, 2001-2, p.15)

Norman Dezin:

A questão não é os casos individuais de literatos que não tiveram a coragem moral para enfrentar o seu passado, mas antes a recusa por parte da comunidade de literatos para reconhecer a sua conspiração de silêncio. (Chronicle Daily Report, 3/10/03)

Rob Leffel:

Temos de falar, também, acerca da violência. Rowan Williams diz:

A verdade é que se respondermos violentamente, a nossa violência vai se tornar em algo diferente. É improvável ter por detrás a paixão de alguém que não tem nada a perder, o terrível auto-abandono do suicida que é como uma grotesca paródia do auto-abandono do amor. Não é que sejamos “naturalmente” menos violentos ou mais misericordiosos. O recorde de compromisso militar europeu e americano devia dissipar essa ilusão. Mas não estamos a representar a impotência, a privação moral e

imaginativa que apenas se pode sentir que está realmente a ser representada quando se inflige dor e destruição. (Williams, 2002, p.268)

Audiência/ Coro:

Dêem-nos algo. Como poderemos sair disto? O que é que, se alguma coisa, podemos levar?

Rob Leffel: (calmamente)

Temos esperança.

Ivan Brady:

Há esperança na crença que o ponto crucial da natureza humana seja fundamentalmente o da sociabilidade, e não o da patologia social... A 11 de Setembro a cultura-restrita cruelmente ataca em Nova York e no Pentágono – uma granada de ódio e raiva explodiu na face da confiança. A América mostrou um outro lado de auto-interesse à medida que moveu para abraçar os seus no despertar desta tragédia e começou a construir uma barreira de força heróica, uma assistência de alto risco, e suavizando as palavras para fazer frente à maré de raiva e lágrimas. Apesar de retraída em espaço de uma perspectiva global e principalmente irreconhecível na lancinante dor nacional do momento, a esperança declarada e acarinhada para a inteira humanidade foi insinuada na solidariedade ressuscitada. A explosão cortou a respiração à maior parte do mundo. A dor era humana, não apenas americana, e pensamentos de familiaridade apareciam nas palavras e nos gestos em toda a parte, incluindo na zona de impacto. Algumas almas desafortunadas, nas torres, aperceberam-se que estavam encurraladas sob buracos em chamas de cimento, aço, gasolina dos aviões, e inalando fumo que bloqueava todas as saídas. Aqueles escolheram saltar para uma morte certa, em vez de enfrentar uma imolação horrorosa. A esperança para a espécie humana flutuou por instantes num ténue sinal na descida. Alguns dos que saltaram deram as mãos. Não sei o que chamar a isto em antropologia. Não sei como ensinar o seu mais profundo significado aos terroristas ou aos Taliban. Apenas sei que tem de ser dito e que temos razão para o ouvir, todos nós. (Brady, 2003, p.196-7)

Yvonna Lincoln:

Mas regressemos ao assunto principal: temos algo da liberdade a considerar quer nos voltemos ou não para a violência, e por isso, em virtude desse mesmo facto, somos bastante diferentes daqueles que experimentam o seu mundo porque não lhes dão outra opção. Mas se temos essa liberdade, deverá ser menos provável que usemos a violência como primeiro recurso. Temos a liberdade de pensar o que realmente queremos, para pôr experimentar os nossos desejos nalgum algum tipo de resultado que é mais do que apenas espelhar o que

experimentámos. O problema é que isto significa um tipo de actuação que estamos muitas vezes não estamos nada interessados, uma actuação que nos ajudará a compreender o outro que começamos a encontrar algum sentido daquilo que eles e nós juntamente podemos reconhecer como bom. Significa conter os nossos sentimentos mais imediatos – ou pelo menos fazer deles objecto de reflexão; significa tentar pôr de parte a desejo para restabelecer o sentido de estar em controlo e o desejo de encontrar uma segurança que seja partilhada. De um modo mais simples, significa ter muitas dúvidas de qualquer acção que traga um sentido de liberdade, independentemente do que se alcançar; muita prudência em fazer algo de maneira a que pareça que se está a fazer alguma coisa. (Williams, 2002, p.270)

Mary Weems:

Ainda ensino/ aprendo, co-construo a comunidade, importo-me, tenho empatia, re-afirmo o meu compromisso em plano de estudos, os arquivadores, os Cd's que arrumo a aula-antes-da-aula-anterior, levo incenso, velas, parto as cadeiras em círculos como pão, luto com a etnia/humanidade/etnia/ humanidade suficientemente humano para partilhar com o K12, universidade, biblioteca, centro de recreação dos alunos, que eu não-posso-nunca-ter-nunca ter sabido mas ter sempre sabido-sentido primeiro e mais rápido que a velocidade. Que eu não sei como me sentir, que o não-sentir era o começo de este Monster's Ball global...

Robin Hughes:

Significa compreender e utilizar o espaço para respirar; também compreender e usar a raiva e a vingança como um modo de sentir um pouco de onde a violência vem. É melhor eu repetir: Isto nada tem a ver com o desculpar as decisões para matar, ameaçar, e atormentar, nem é uma recomendação para ser passivo. É acerca de tentar actuar de forma a que alguma coisa possa possivelmente mudar, em oposição a actuar de forma a persuadirmo-nos que não somos impotentes. (Williams, 2002, p.270)

Norman Denzin:

Talvez a Annie Dillard (1974, p.270) esteja correcta, talvez o universo não fosse feito por brincadeira, mas necessito de mais. Preciso de esperança, preciso de acreditar que o mundo é apenas um lugar para viver, que há apenas pessoas neste mundo. Preciso de lugares para onde possa ir experimentar o conforto, e a paz, uma presença de espírito que não seja assombrada por imagens de um jovem rapaz em frente de campos de cascalho e pedras, imaginando por que é que a sua mãe e pai estão mortos. Preciso de um governo justo. Preciso e sonho com um governo que demonstre na sua actuação como podemos criar um mundo tranquilo, não-violento, um mundo onde não existam guerras, um mundo onde palavras como liberdade, felicidade, direitos humanos, cuidado, justiça, e igualdade têm um

significado real, um mundo sem fim, radical, um mundo utópico, um mundo repleto de esperança, e de sonhos de paz ainda não sonhados.

Rob Lefell:

Selah.

Audiência/ Coro:

Selah.

Referências Bibliográficas

- Becker, H. S., McCall, M. M., & Morris, L. V. (1989). Theatres and communities: Three scenes. *Social Problems*, 36, 93-116.
- Boyer, E. L. (1990). *Scholarship reconsidered: Priorities of the professoriate*. Princeton, NJ: Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching.
- Boyle, K. (2001-2002). A national crisis and the role of the academy. *Thought and Action*, 17(2), 9-16.
- Brady, I. (2002). Pipers. *Qualitative Inquiry*, 8(2), 179.
- Brady, I. (2003a). Pipers. In *The time at Darwin's Reef: Poetic explorations in anthropology and history* (p. 126). Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Brady, I. (2003b). Show mea sign. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *9/11 in American culture* (pp. 196-197). Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Bratich, J. (2002). Unpublished manuscript.
- Bratich, J. Z. (2003). Drawing a line in the fog. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *9/11 in American culture* (pp. 107-110). Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Bumiller, E. (2002, July 6). Bush offers Karzai sympathy on dead. *New York Times*, pp. A-6, 20.
- Carney, S. (2001). *Analyzing master-narratives and counter-stories in legal settings: Cases of material "failure-to-protect."* Unpublished dissertation proposal, City University of New York, NY.
- Chapman, S. (2003, March 30). Debate in a democracy is a strength. *Bryan-College Station Eagle*, p. A10.
- Chronicle Daily Report. (2003, March 10). Retrieved from <http://www.chronicle.org/dailyrpt/March10/2003>
- Clemetson, L. (2002, December 1). Debate on war with Iraq is entering the classroom. *New York Times*, p. A-20.
- Conquergood, D. (1985). Performing as a moral act: Ethical dimensions of the ethnography of performance. *Literature in Performance*, 5, 1-13.
- Denzin, N. K. (2002a). Week 55. Unpublished manuscript.
- Denzin, N. K. (2002b). What will we tell the children? *Cultural Studies—Critical Methodologies*, 2(2), 217-219.
- Dillard, A. (1974). *Pilgrim at Tinker Creek*. New York: Harper & Row.
- Fine, M. (2002). The mourning after. *Qualitative Inquiry*, 8(2), 137-145.
- Fine, M. (2003). The mourning after. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *9/11 in American culture* (pp. 55-62). Walnut Creek, CA: AltaMira Press.

- Fink, M., & Mathias, L. (2002). *Never forget: An oral history of September 11, 2001*. New York: HarperCollins.
- Freundlich, P. (2003). *Bush in wonderland*. In *All things considered* [Radio broadcast]. Washington, DC: National Public Radio.
- Gergen, M. (2002, April). September 11, 2001: Changing the ways of the world. *Qualitative Inquiry*, 8(2), 150-152.
- Gray, R., & Sinding, C. (2002). *Standing ovations: Performing social science research about cancer*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Harris, A., & Fine, M. (2001). Under the covers: Theorizing the politics of counter stories. *International Journal of Critical Psychology*, 4, 183-199.
- Kitzinger, C. (2001). Resistance in women's talk: Thinking positively about breast cancer. *International Journal of Critical Psychology*, 4, 35-48.
- McCall, M. (2000). Performance ethnography: A brief history and some advice. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 421-434). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Mienczakowski, J. (1995). The theater of ethnography: The reconstruction of ethnography into theater with emancipatory potential. *Qualitative Inquiry*, 1(3), 360-374.
- Mission creep: The war on terrorism moves to Colombia. (2002, July 15). *Washington Spectator*, 28(14), 1-3.
- Nurkse, D. (2002). October marriage. In D. L. Johnson & V. Merians (Eds.), *Poetry after 9/11: An anthology of New York poets* (pp. 87-88). Hoboken, NJ: Melville House.
- Palmer, P. J. (1993). *To know as we are known: Education as a spiritual journey*. San Francisco: HarperCollins.
- Parini, J. (2003, March 14). A time for poets to raise their voices. *Chronicle of Higher Education*, 49(27), p. B20.
- Richardson, L. (2002). Small world. *Cultural Studies–Critical Methodologies*, 2(1), 23-25.
- Scott, J. (1992). Experience. In J. Butler & J. W. Scott (Eds.), *Feminists theorize the political* (pp. 22-40). New York: Routledge Kegan Paul.
- Shapiro, S. (2002, July/August). Lessons of September 11. *Tikkun*, 17(4), 13-16.
- Thorp, L. (2002, April). *Voices from the garden*. Multimedia presentation/play presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New Orleans, LA.
- Thorp, L. (2003). *Voices from the garden*. *Qualitative Inquiry* 9(2), 312-324.
- Weems, M. (2003). My monster's ball. *Qualitative Inquiry*, 9(5), 807-809.
- Weis, L. (2002, April). Thoughts beyond fear. *Qualitative Inquiry*, 8(2), pp. 153-155.
- Wilkinson, S. (2000). Women with breast cancer talking causes: Comparing content, biographical and discursive analyses. *Feminism and Psychology*, 10, 431-460.
- Williams, R. (2002). End of war. *South Atlantic Quarterly*, 101(2), 267-278.

Correspondência

Yvonna Lincoln, Texas A&M University, EUA.
E-mail: ysl@tamu.edu

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.